

O INCONSCIENTE DE RELÍGIO NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR EMIL FRANKL

THE UNCONSCIOUS OF RELIGION ON VIKTOR EMIL FRANKL'S LOGOTHERAPY

Eliseudo S. Gomes

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Resumo. Este artigo objetiva descrever as principais ideias de Frankl, acerca da dimensão noética do ser humano; fundamentado particularmente em Max Scheler. A dualidade apresentada, não se trata do físico e do anímico, mas do vital e do espiritual. Frankl utiliza a palavra noética ao invés de espiritual para não confundir os seus leitores, já que a palavra espiritual pode ser compreendida como denominação religiosa e, na sua concepção trata-se do mais íntimo do humano e que tal dimensão jamais será maculada; por tratar-se do supra-humano, ou seja, da autotranscendência do ser.

Palavras chave: Scheler, Frankl, Noética, Espírito, Vida.

Abstract. This article aims to describe Frankl's main ideas about the noetic dimension of the human being; based mainly with Max Scheler. The presented duality is not about the physical and animical but it's about the living and spiritual dimensions. Frankl uses the word "noetic" instead of "spiritual" in order not to mislead or confuse his readers, because the word "spiritual" may lead to a more religious interpretation when it's conception is about being of what is most intimate of the human being and that kind of dimension will never be tainted, because it refers to the something higher than Man, it's about, i. e., the transcendence of the human being.

Keywords: Scheler, Frankl, Noetic, Spirit, Life.

INTRODUÇÃO

Conquanto a *lógica* seja uma doutrina sobre o que é a verdade, o *logos* é uma verdade, por ser existencial. Neste sentido é que Frankl se contrapõe a Freud, dizendo: “o homem de hoje conhece a sociedade pelo fato de possuir instintos; o que temos de mostrar-lhe é que ele possui também espírito; - espírito, liberdade e responsabilidade-”.

A responsabilidade do homem, consciencializada, assim pela análise da existência segundo Frankl, é uma responsabilidade em vista da irrepetibilidade, isto é, de “caráter de algo único” da sua existência; a existência humana é um ser-responsável diante de sua finitude.

Responder de maneira livre e responsável às situações da vida significa que a vida tem um caráter de missão e/ou se quisermos, *vocação*. Frankl traz uma extraordinária contribuição em Logoterapia e Logoterapia à pessoa que faz opção a servir uma causa, seja institucionalizada ou não, o que se confirma é que a religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão, e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso, pois, a religiosidade ou é existencial, ou não é nada.

A LOGOTERAPIA DE VIKTOR EMIL FRANKL

Viktor Emil Frankl nasceu no dia 26 de março de 1905, na cidade histórica de Viena. Foi ainda como garoto que aos 15 anos definia Deus como “o mais íntimo de mim mesmo” e aos 21 anos, pronunciava a sua primeira conferência sobre o sentido da vida.

Psiquiatra famoso, estudioso de Husserl e Heidegger, sua vida foi confirmada no campo de concentração durante a 2ª Guerra Mundial. Foi nesta experiência concreta que Frankl comprovou sua Logoterapia, como uma psicoterapia vivenciada. Nos campos de concentração todas as circunstâncias

conspiram para fazer o prisioneiro perder seu controle. Todos os objetivos comuns da vida estão desfeitos. A única que sobrou é ‘a última liberdade humana’ -a capacidade de escolher a atitude pessoal que se assume diante de determinado conjunto de circunstâncias- (Frankl, 1991, pp. 8-9).

Depois da Psicanálise de Freud e da Psicologia Individual de Adler, a Logoterapia é considerada a terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Nas palavras do próprio Frankl (1989), tendo sido discípulo de Freud e Adler, compara-se a um anão que sobe nos ombros de dos gigantes para enxergar mais longe (p. VII). Desta forma, Freud se ocupou da vontade do prazer, Adler da vontade do poder e Frankl da vontade de sentido.

Frankl constatou que o que leva à pessoa humana a sentir-se realizada não é nem a satisfação prazerosa dos instintos, nem o desafio às posições sociais. A vida realizada é, sobretudo, uma vida plena de tarefas com sentido, interiormente aceitadas, às que a pessoa se entrega com alegria e boa disposição. Pondo em evidência o aspecto noético do homem. A dimensão noética, do grego *noós* (espírito, inteligência) deve entender-se como dimensão antropológica mais que teológica.

Ao contrário do instinto animal, o homem é capaz de objetividade, de perceber o modo de ser das coisas, pois como portador do espírito “é aquele ser cujo trato com a realidade exterior assim como consigo mesmo se inverteu em um sentido dinamicamente oposto ao do animal com a inclusão de sua inteligência” (Scheler, 2003, p. 35).

O *noético* ou *espiritual* está regulamentado ao que há de mais humano na pessoa, que inclui a religiosidade e a criatividade, mas que não pode ser definido por elas. O homem na Logoterapia possui corpo, alma (psique) e espírito, no entanto, Frankl procura ver a singularidade da pessoa humana em sua totalidade.

Assim, encontrar o sentido da vida é descobrir o caráter de missão. Como ser único e irrepetível, toda pessoa tem uma responsabilidade específica. Atirando às palavras – princípio de Martin Buber, surge a liberdade-responsabilidade.

Na Logoterapia o que importa é a ação diante da problemática, noutras palavras, é a atitude e não a causa que se torna foco em uma análise existencial. Daí surge toda uma dimensão de valores, ou seja, valores criativos, vivenciais e atitudinais. Seguindo a Scheler, Frankl apresenta em primeiro lugar a hierarquização da constelação axiológica como marco de todo vivido, ocupando um posto próprio e preciso dos valores vitais, e em segundo lugar aos valores vitais, como superiores aos de agradável e desagradável, e inferiores aos espirituais.

Os valores vitais na concepção Scheleriana fundam os de agradável, porque não podem dar-se os últimos sem os primeiros. Mas os vitais se fundam nos valores espirituais (Scheler, 2001, pp. 161-162). Enquanto que o sentido está vinculado a uma situação única e singular, existem ainda sentidos universais que se relacionam com a condição humana como tal. São essas possibilidades amplas de sentido que são chamadas de valores.

CONCEITO DE INCONSCIENTE DE RELÍGIO EM FRANKL

O que Frankl entende pelo termo “religião” é algo tão amplo que comporta o agnosticismo e até mesmo o ateísmo (Frankl, 1995, p. 11). Para este autor, existem um inconsciente instintual e um inconsciente espiritual, cuja origem está na própria existência. A existência é essencialmente inconsciente, e espiritual, e jamais pode ser completamente objeto de reflexão de si mesma, ou seja, tornar-se consciente de si mesma.

No enfoque da Logoterapia, tanto o instintual como o espiritual são inconscientes, havendo dificuldade para definir o limite entre eles.

No entanto, Scheler (2000), sinala que não é o físico e o anímico, nem o corpo e a alma, nem o cérebro e a alma, o que constitui uma antíteses ótica no homem, e que também subjetivamente é vivida como tal, é de uma ordem muito superior e muito mais profundo: é a antíteses de espírito e vida (pp. 114-115).

Se, está se falando de inconsciente espiritual, é adequado delimitar e explicar o que seria entendido por espiritual na Logoterapia de Frankl. Dentro de um enfoque existencial, a Logoterapia reconhece no homem, além da dimensão física e psicológica a dimensão noológica, que está situada além do psicofísico. O sentido espiritual tem relação com a escala de valores pessoais, a criação artística, a religiosidade; enfim, é considerado o centro da pessoa, integrador de todas as outras dimensões.

A dimensão noética contém a essência da vida. Nas palavras de Guttman (1998): “a dimensão noética é como o ‘tórax médico’” (p. 42). Desde a Logoterapia sabemos que o espírito humano possui preciosos recursos capazes de neutralizar a enfermidade e os traumas sofridos pelo indivíduo; são eles:

- Nossa vontade de sentido.
- Nossas metas e objetivos na vida
- Nossa criatividade
- Nosso amor (para além do físico)
- Nossa consciência
- Nosso sentido do humor
- Nosso compromisso
- Nossas ideias e ideais
- Nossa imaginação
- Nossa responsabilidade (habilidade de resposta)
- Nossa autoconsciência
- Nossa compaixão e perdão
- Nossa consciência da finitude da vida

Frankl e Max Scheler coincidem em assinalar a importância da confrontação entre a dimensão do espírito humano e a facticidade física. Scheler apresenta uma antropológica na qual a pessoa está radicalmente aberta ao mundo. Por sua parte Frankl afirmará a existência do antagonismo psicoonético, que expressa a fundamental capacidade humana de enfrentar os condicionamentos e a facticidade psicofísica porque a pessoa é uma existência espiritual livre e responsável (Herrera, 2006, p. 97).

De acordo com Frankl, o critério real da existência humana não está apenas em discernir se determinado fenômeno é instintual ou espiritual, enquanto é irrelevante definir se é consciente ou inconsciente. O homem é visto como um ser essencialmente livre e responsável por sua própria existência. Nesta mesma linha, segue o pensamento de Scheler (2001), o homem por ser um sujeito de moralidade, se trata de um *quem* individual, e não de uma sorte de sujeito transcendental. A atividade desse *quem* não é só racional ou especulativa, senão também valorativa e moral. A esse princípio Scheler chama pessoa ou espírito (pp. 503 e 513).

A imagem do homem não fica completa no marco da imanência. Ou o homem se concebe como imagem e semelhança de Deus ou deriva em mera caricatura de si mesmo (Frankl, 2003, p. 283). Na prática logoterápica, a religiosidade genuína deve revelar-se em seu momento. Ninguém deve ver-se forçado a revelar os seus sentimentos religiosos. Assim podemos dizer que a pessoa não deve chegar à sua religiosidade genuína deixando-se levar por seus instintos; nem tampouco empurrado por seu psiquiatra ou psicoterapeuta (Frankl, 1999, p. 96).

Nas palavras de Scheler (2010), o humanitarismo se revela contra o mandamento 'cristão do amor', em diversa medida e maneira; no interior do renascimento europeu -o chamado humanismo-, e de modo especialmente poderoso na época da ilustração europeia. Tais grandes

movimentos trabalham na construção de um *ethos* que separa ao homem e à humanidade de Deus, e incluso com frequência enfrenta aos homens contra Deus (p. 166).

Pode-se entender que em Frankl a existência autêntica está relacionada a um sujeito responsável, não dirigido e não impulsionado, ou seja, a um Eu que decide por si mesmo. Neste sujeito acontece uma dualidade: de um lado a existência e do outro a facticidade, o que quer dizer que de um lado está o espiritual e do outro lado estão os fatos somáticos e psíquicos. A pessoa possui camadas psicofísicas, mas "é" espiritual.

Em termos estruturais, um fenômeno humano, quer seja espiritual, psíquico ou somático, pode ocorrer em qualquer nível: no inconsciente, pré-consciente ou consciente. Na psicologia de Frankl se encontra o espiritual inconsciente, que é o que há de mais profundo no homem. A espiritualidade está de tal maneira na pessoa que não é possível a sua conscientização, na medida em que o Eu não cede à reflexão total. A existência humana existe em ação, e não em reflexão.

"Em resumo, o fenômeno espiritual, pode ser consciente ou inconsciente; a base espiritual da existência humana, no entanto, é, em última análise, portanto, o núcleo da pessoa humana na sua profundidade é inconsciente. Na sua origem, o espírito humano é um espírito inconsciente" (Frankl, 1985, p. 27).

Segundo Frankl, o inconsciente não se compõe unicamente de elementos instintivos, mas também espirituais. Desta forma, o conteúdo do inconsciente fica consideravelmente ampliado, diferenciando-se em instintividade e espiritualidade inconsciente.

"A existência humana representa uma existência espiritual, torna-se agora evidente que a distinção entre consciente e inconsciente não constitui apenas um critério relativo, mas na verdade,

nenhum critério para referir-se à existência humana” (Frankl, 1983, p. 19).

O verdadeiro ser humano frisa Frankl: totalmente ao contrário da concepção psicanalítica, não é um ser impulsionado; trata-se muito mais, de acordo com Jaspers, de um “ser que decide”, ou, no sentido analítico-existencial que nos lhes damos, constitui um “ser responsável”, portanto, um ser existencial. Assim, enquanto a existência, conforme sabemos, é algo essencialmente espiritual, a facticidade se compõe tanto de elementos psicológicos quanto fisiológicos.

Pelo fato do ser humano está centrado como indivíduo em uma pessoa determinada, e somente por isso, o ser humano é também um ser integrado: somente a pessoa espiritual estabelece a unidade e totalidade do ente humano. Ela forma esta totalidade como sendo bio-psico-espiritual.

Na visão de Frankl, toda liberdade tem um “de quê” e um “para quê”. O “de quê” (condicionamentos), do qual o homem pode se libertar, está em seu ser impulsionado; seu eu, então, tem liberdade de seu id. O “para quê” da liberdade humana é a sua responsabilidade. A liberdade da vontade do ser humano é, portanto, a liberdade “de” ser impulsionado “para” ser responsável, para ter consciência.

Desta forma não se pode falar de uma voz da consciência, pois, a consciência não poderia ter voz, porque ela própria é a voz, a voz da transcendência. Esta voz da transcendência somente é ouvida pelo homem, ela não provém dele, ao contrário, somente o caráter transcendente da consciência faz com que possamos compreender o homem, e especialmente sua personalidade, num sentido mais profundo.

A consciência como um fato psicológico inerente já nos remete, por si mesma, à transcendência; somente pode ser compreendida a partir da transcendência. Enquanto contemplarmos

o homem dentro da sua ontogênese biológica como um indivíduo isolado, considerado por si mesmo, sem tentarmos compreendê-lo a partir de sua origem, não conseguiremos compreender todos os aspectos de seu organismo. Portanto, a consciência só será inteligível a partir de uma região extra-humana. Para explicar a condição humana de ser livre é suficiente buscarmos na sua existencialidade, porém, para explicar a condição humana de ser responsável; precisamos recorrer à transcendentalidade de ter consciência.

Scheler (2003), sustenta que a essência do homem e isto que se pode chamar a sua posição peculiar, encontra-se muito para além do que se denomina inteligência e capacidade de escolha, e que elas tampouco seriam alcançadas se se representasse esta inteligência e capacidade de escolha de uma maneira quantitativa qualquer, sim, projetada até o infinito (p. 35).

O homem irreligioso “tem” consciência, assim como responsabilidade; apenas ele não questiona além, não pergunta pelo que é responsável, nem de onde provém sua consciência. Afirma Frankl: o homem é a tal ponto livre, feito livre por seu Criador, que esta liberdade é uma liberdade até para o não, que vai tão longe que a criatura também pode se decidir contra seu próprio Criador, que pode inclusive renegar Deus.

Costuma-se dizer que onde há uma vontade, há um caminho. Frankl, modifica esta proposição, dizendo que onde houver um objetivo haverá também uma vontade. Em outras palavras, quem tiver um objetivo claro em vista e honestamente se propuser realizá-lo, nunca terá de lamentar que lhe falta a vontade para tanto. Ainda acrescenta que o motivo de não conseguirem ajudar a si mesmas, de se acharem como que bloqueadas em suas iniciativas, reside no fato de não admitirem a existência da vontade livre.

A tese de que o homem é livre não é inteiramente correta. Com mais propriedade se deveria dizer: assim como o animal é seus impulsos, o homem é a sua liberdade. Aquilo que apenas tem, poderá perder. Mesmo que a renuncie, o próprio ato dessa voluntária renúncia acontece na liberdade. Cabe ao homem dispor sobre o que o destino dispôs. E antes que tiver isso, ou no mínimo tentado fazê-lo, a palavra *destino* nem deveria ser pronunciada. Na verdade, quem de saída julgar selado o seu destino, por certo não estará em condições de sobrepujá-lo.

O julgamento sobre a liberdade ou inexistência da mesma não será feito simplesmente à base da teoria, mas em primeiro plano na prática, no agir aqui e agora. No entender de Frankl (1983), o *sentido* não só precisa, mas também pode ser encontrado, e na busca pelo mesmo é a consciência que orienta a pessoa.

“O que a consciência faz ao encontrar o sentido único numa situação é, ao que tudo indica, perceber uma gestalt; ela descobre configurações de sentido não só no real mas também no possível” (p. 68).

Entretanto, sentido não se refere apenas a uma situação determinada, mas também a uma pessoa determinada que está envolvida numa situação determinada. Desta forma, são os atos propriamente pessoais ou espirituais os que vão dar a notícia mais clara deste também peculiar princípio humano; “um princípio oposto a toda vida em geral, incluída a vida do homem” (Scheler, 2000, p. 66). Em contrapartida, os valores espirituais são sempre puros atos, e nunca estados, nunca passivos nem objetiváveis. De maneira que é a diferença entre funções e atos a decisiva para chegar ao espírito pessoal. Neste sentido, Scheler (2001) comenta:

“Todas as funções são, em primeiro lugar, funções do eu, mas nunca algo pertencente à esfera da pessoa. As funções são psíquicas, mas os atos não os são. Os atos são executáveis, as

funções executam a elas mesmas. Com as funções vai posto necessariamente um corpo e um contorno, melhor, entorno -Umwelt- ao que pertencem suas manifestações; com a pessoa e o ato não vão suposto nenhum corpo, e a pessoa corresponde um mundo, mas não um contorno. Os atos brotam da pessoa dentro do tempo; as funções são fatos na esfera temporal fenomênica. (...) Exigimos para a esfera íntegra dos atos o termo “espírito”, chamando assim a todo o que possui a essência do ato, da intencionalidade e da impressão de sentido. (...) Mas em modo algum pertence à essência do espírito um ‘eu’” (pp. 518-520).

Como exemplos das funções se enumeram: “o ver, ouvir, gostar, cheirar, todas as classes do entender, notar, observar, do sentir vital, etc.”; e dos atos: “representar e perceber, recordar e esperar, sentir e preferir, querer e não querer, amar e odiar, julgar, etc.” (Scheler, 2001, pp. 519-521).

A consciência também pode enganar a pessoa. Mais ainda: até o último instante, até o último suspiro a pessoa não sabe se ela realmente cumpriu o sentido de sua vida ou se ela apenas se enganou. Isto não quer dizer que não exista verdade. Somente pode haver uma verdade; mas ninguém pode saber se é ele e não o outro que a possui.

A própria pessoa naturalmente continua livre perante a consciência; mas esta liberdade consiste única e exclusivamente na opção entre duas possibilidades: a de dar ouvidos à consciência ou de rejeitar sua advertência. Quando a consciência é sistemática e metodicamente reprimida e sufocada, o resultado é ou o *conformismo ocidental* ou o *totalitarismo oriental*. Somente uma consciência desperta é que o torna “resistente” ao conformismo e ao totalitarismo.

Segundo Frankl, o que há de fatal na vida apresenta-se ao homem principalmente sob três formas: sob a forma das suas disposições, o que Tandler denominou “fato somático”; sob a totalidade das suas concretas situações externas.

Incluiremos a dimensão temporal no nosso esquema, já que uma mudança de posição neste sentido, por exemplo, tudo aquilo a que chamamos *educação, educação complementar, auto-educação*.

As disposições representam o destino biológico do homem, e a condição o seu destino sociológico. Acresce a isto, porém, o destino psicológico, do qual faz parte aquela atitude anímica que, por não ser livre, não constitui ainda uma livre tomada de posição espiritual.

Frankl deixa claro que a existência religiosa e a irreligiosa a princípio são fenômenos coexistentes, e ela tem a obrigação de assumir uma posição neutra perante eles. Afinal, a Logoterapia é uma corrente dentro da psicoterapia, e esta ao menos, segundo a lei austríaca, só pode ser exercida por médicos.

O alvo da psicoterapia é a cura da alma, ao passo que alvo da religião, por seu turno, é a salvação da alma.

“A religião é mais do que um simples meio de profilaxia psicossomática antiúlceras, como observou jocosamente um padre jesuíta dos Estados Unidos. A dimensão para a qual avança a pessoa religiosa é uma dimensão mais elevada, que sucede pela fé” (Frankl, 1983, p. 59).

A psicoterapia precisa movimentar-se no aquém da fé da revelação, pois o fato de alguém reconhecer a relação como sendo revelação, em si já pressupõe sempre uma decisão de fé. Mesmo que para Frankl a religião seja mero objeto, conforme o enunciado, o seu modelo logoterápico se interessa muito por ela, por uma razão muito simples: no contexto da logoterapia *logos* significa “sentido”.

A concepção de religião em logoterapia tem muito pouco a ver com estreiteza confessional e sua conseqüência, ou seja, a miopia religiosa que parece ver em Deus um ser que basicamente só pretende uma coisa: que o maior número possível de pessoas

creia nele, e ainda bem do jeito prescrito por uma denominação determinada.

Frankl chama à atenção que o terapeuta deve ter o máximo de interesse para que a religiosidade do paciente possa se manifestar espontaneamente, devendo aguardar com paciência que esta manifestação ocorra; por considerá-la uma radicalização da vontade de sentido, na medida em que se trata de um ‘suprasentido’, no seu caráter de missão.

O terapeuta que tem fé não acredita somente em Deus, mas também na fé inconsciente do paciente; assim, não crê apenas conscientemente no seu próprio Deus, mas ao mesmo tempo crê nele como “Deus inconsciente” em seu enfermo.

A religiosidade, só é genuína quando existencial, quando a pessoa não é impelida para ela, mas se decide por ela. A religiosidade, para que seja existencial, deve ser dada o tempo necessário para que possa brotar espontaneamente. Nunca podemos apressar a pessoa neste caminho.

Algo análogo acontece com a religião; da mesma forma que nos “complexos reprimidos”, somente uma conscientização espontânea pode levar à cura, assim também somente a manifestação espontânea da religiosidade inconsciente poderá ter efeito curativo. Da mesma forma que o terapeuta irreligioso deve deixar ao paciente o que ele tem, isto é, sua fé, o terapeuta que tem religião deve deixar ao sacerdote o que é dele, isto é, seu ministério.

Para que a religião possa ter efeitos psicoterapêuticos, seu motivo primário não pode ser absolutamente psicoterapêutico. A religião não é um seguro para uma vida tranqüila, para a ausência máxima de conflitos ou par quaisquer outros objetivos psico-higiênicos. A religião dá ao homem mais do que a psicoterapia, mas também dele exige mais.

A psicoterapia só pode servir à religião, ou pelos resultados empíricos de suas investigações, ou pelos efeitos de seus tratamentos psicoterapêuticos, se ela não se mover num caminho já preestabelecido, se não se fixar em metas pré-determinadas.

Para falar de uma religiosidade inconsciente, Frankl partiu do fato fenomenológico primário de que ser humano significa ser consciente e responsável. A Logoterapia, como aplicação clínica da análise existencial, acrescentou o espiritual ao psicológico, ela passou a aprender e ensinar a ver o espiritual também dentro do inconsciente; foi acrescentando, como uma nova descoberta, o inconsciente espiritual. Além da consciência da responsabilidade, deve existir algo como uma responsabilidade inconsciente.

A análise existencial descobriu, dentro da espiritualidade inconsciente do homem, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto, é imanente no homem, embora muitas vezes permaneça latente.

Esta fé inconsciente do homem, que aqui se nos revela e está englobada e incluída no conceito de seu “inconsciente transcendente”, significaria então que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus. Já nos Salmos fala-se de um “Deus oculto”: na antigüidade helênica havia um altar dedicado ao “Deus desconhecido”. O fato de sempre termos tido uma relação inconsciente com Deus não significa absolutamente que Deus esteja “dentro de nós”, que preencha nosso inconsciente. Estas não passariam de teses de uma teologia diletante.

A religiosidade inconsciente em Jung representa um evento coletivo, “típico”, justamente arquetípico, no homem. A religiosidade nunca poderia se originar num inconsciente coletivo,

justamente porque pertence às decisões pessoais e próprias do eu. Se Freud disse que a religião é a neurose obsessiva comum ao gênero humano; da mesma forma que a neurose obsessiva da criança, se origina no complexo de Édipo, no relacionamento com o pai, nós, logoterapeutas, diante do caso, estamos quase inclinados a inverter a afirmação, ousando dizer que a neurose obsessiva é que seria a religiosidade psiquicamente doente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Frankl, a dimensão espiritual do homem vai além do seu psicofísico, pois, é exatamente este inconsciente espiritual imaculado no homem que o possibilita a dar respostas autênticas às distintas situações do mundo.

A Análise Existencial constatou, dentro da espiritualidade inconsciente do homem, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, ao que Frankl chama à atenção que aqui não significa estar preso a nenhuma denominação religiosa, significa sim, que sempre houve em nós uma tendência inconsciente em direção a Deus.

Frisa Frankl: o fato de sempre termos tido uma relação inconsciente com Deus, não significa absolutamente que Deus esteja “dentro de nós”, que preencha o nosso inconsciente.

Segundo Scheler (2010), o homem, como ser espiritual racional, é de tal maneira que se sabe por natureza membro de uma comunidade universal. Mais ainda: a comunidade espiritual e pessoal do homem é, sobretudo, de direito próprio e superior, a essa ‘comunidade vital’. É de origem espiritual divino, assim como de direito divinamente sancionado (pp. 180-181).

No desenvolvimento do *inconsciente de religio*, verifica-se que a religiosidade só é genuína enquanto existencial, quando a pessoa não é

impelida para ela, mas se decide por ela. Consta-se ainda que existam três caminhos principais, pelos quais o homem pode chegar à realização do sentido: o primeiro consiste na prática de uma ação, no realizar uma obra; o segundo em experimentar algo, ou em amar alguém; o mais importante, segundo Frankl, é o terceiro: ao ter de nos confrontar com um destino cuja mudança não está em nossas mãos; sentimo-nos interpelados a superar-nos e a mudar nós mesmos. Isto nos remete à transcendência da consciência, quando ela nos revela que toda liberdade tem um “de quê” e um “para quê”, onde o “de quê” são os condicionamentos, do qual o homem pode se libertar e o “para quê” da liberdade humana é a sua responsabilidade.

Em Scheler, percebemos a necessidade de fomentar o bem-estar, em última instância, pela dignidade na qual está incluída justamente como sua coroa e núcleo da disposição a amar mais pura e livre.

Enfim, neste artigo colocamos em evidência uma temática não contemplada nas Psicoterapias Tradicionais, no intuito de subsidiar àqueles que nos procuram, ajudando a estas pessoas a sentirem-se livres dos condicionamentos que a vida possa-lhes submeter e ainda livres para serem responsáveis diante de suas escolhas.

REFERÊNCIAS

- Erthal, T. (1992). *Contas e contos na terapia vivencial*. Petrópolis: Vozes.
- Fabry, J. (1984). *A busca do significado*. 4ª ed. São Paulo: Cultura Espiritual.
- Frankl, V. (1946/1991). *Ein Psycholog erlebt das Konzentrationslager*. Viena: Amandus. (*Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Petrópolis: Vozes).
- Frankl, V. (1959/1999). *Man's search for Ultimate Meaning*. Boston: Beacon Press (*El hombre en busca del sentido último. El análisis existencial y la conciencia espiritual del ser humano*. Barcelona: Paidós).
- Frankl, V. (1984/2003). *Der leidende mensch. Anthropologische grundlagen der psychotherapie*. Berna: Huber. (*El hombre doliente: fundamentos antropológicos de la psicoterapia*. Barcelona: Herder).
- Frankl, V. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. 3ª ed. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. (1991a). *Psicoterapia para todos*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1991b). *Em busca de sentido*. 2ª ed. Petrópolis: Sinodal.
- Frankl, V. (1991c). *El hombre en busca de sentido*. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. (1993). *A presença ignorada de Deus*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. (1995). *Logoterapia e análise existencial*. Campinas,SP: Editorial PSY II.
- Guttman, D. (1998). *Logoterapia para profesionales trabajo social significativo*. Bilbao: Desclée de Brouwer.
- Herrera, G. P. (2006). *Viktor Frankl: Comunicación y resistencia*. Buenos Aires: San Pablo.
- Lukas, E. (1989). *A força desafiadora do espírito*. São Paulo: Edições Loyola.
- Lukas, E. (2002). *Psicologia espiritual*. São Paulo: Paulos.

- Scheler, M. (2000). *El puesto del hombre en el cosmos*. Barcelona: Alba.
- Lukas, E. (2001). *Ética*. Madrid: Caparrós.
- Lukas, E. (2003). *A posição do homem no Cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Lukas, E. (2010). *Amor y conocimiento y otros escritos*. Madrid: Ediciones Palabra.

Enviado em: 29/04/2013

Aceito em: 15/06/2013

SOBRE O AUTOR

Prof. Dr. Eliseudo Salvino Gomes. Doutorado em Psicologia (Clínica) pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2009). Master Oficial: Métodos y técnicas de investigación en Psicología, pela Universidad Pontificia de Salamanca-UPSA (2008). Mestrado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza-UNIFOR (2002). Formação em Logoterapia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB (1996). Membro do Grupo de Pesquisa NOUS: Espiritualidade e Sentido. Miembro del Comité Científico de la revista "Foro de Educación - Pensamiento, cultura y sociedad-". Membro do Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. Atualmente, Coordenador Técnico e Professor da Pós-Graduação em Análise Existencial e Logoterapia de Viktor Emil Frankl (Pontificia Universidade Católica do Paraná-PUCPR).